



Dona Dina
Vaqueira e Aboiadora

A mulher dos olhos infantis que, com verso e prosa, tange reses e corações

Os olhos infantis, por trás dos óculos de grau, apertavam-se e arregalavam enquanto Dina, a dona deles, contava mais uma de suas histórias. Para alcançá-la, é preciso montar-se depressa em pensamento, pois que Dina, quando relembra causos, desembesta-se como se retornasse em seu cavalo Estrelinha aos descampados livres do sítio em que vivia.

Aos sete anos já montava. Da cozinha que a madrastra lhe reservava, não quis saber. O norte da menina era Seu Martins, o pai, rudeza e doçura constantes. Com ele, aprendeu a ser poldo de cavalo, liberta, arfedia. A pequena devolvia à altura as travessuras dos irmãos mais velhos e já conhecia as terras do pai como a palma da mão. Escondida, metia-se mata adentro. Certo dia, contudo, não precisou esconder-se. Na sala modesta de paredes caiadas, Seu Martins recebeu, certa vez, a visita dos compadres, preocupados com uma rês fugida. Chamaria Dina a qualquer instante, ela sabia. Chamou-a, mais que isso: entregou-lhe, Seu Martins, os trajes de couro que usava e deu-lhe voto de confiança: só Dina saberia onde a rês podia estar.

Se honrosa pareceu a ida, o regresso fora glória, refletida nos olhos chorosos de uma Dina que, ao narrar, não aparenta 56 anos, mas 14 novamente. Retorna da sanga a moça encourada: rês mascarada, compadres espantados e um pai repleto de orgulho sertanejo: "É, compadre, mas Dina é assim mesmo, ela luta com os animais".

O encanto com os versos começou também nos tempos de menina. Tentava aqui e ali uns versos, enquanto ouvia no rádio os programas de cantoria. Na primeira Missa do Vaqueiro, em Canindé (município do sertão central cearense onde ainda reside), o vigário quis saber se Dina era mesmo aboiadora. Ora, a vaqueira tinha palavra! Pôs-se ao lado do altarzinho e improvisou. A cantiga, caros leitores... é indizível. Canto gutural, cuja força vem do ventre; os versos ilustram a vida, leva-nos mansos, como se reses, criações apenas fôssemos. E não o somos todos?

Incontáveis os causos que vêm atados neste cordão de São Francisco que Dina tece. Com a adolescência, vieram os tempos de vaquejada, os prêmios que conquistou e o

que deu a conquistar: seu coração de donzela, cedido a Fernando, o príncipe ilustre desta lenda de cavalaria. Casou-se aos dezoito anos, indo morar na fazenda que Fernando gerenciava. Lá compreendeu as agruras da vida de vaqueiro, às quais conta e canta com propriedade; foi mãe, professora, parteira... matriarca certamente. Um desentendimento com o patrão, contudo, fez-lhe deixar o sítio e afastar-se do marido, que continuou na lida. Na partida, a mãe de família sentiu a aridez de uma distância que apenas começara e Fernando comprovou os espinhos do labor. Pouco depois, o homem da casa definiu de tristeza por uma dívida não quitada que lhe impediu de sustentar o lar. Quando Fernando falece, a filha do meio, Ângela, está operada. "Era o corpo do meu marido estirado na sala e o da minha filha no quarto".

Silêncio. A menina danada é viúva agora, de olhos d'água novamente, mas de luto. E, súbito, alegre, admiro-me, porque Dina não se entrega. Arruma as malas, tenta a vida em São Paulo, mas chora de saudades: é puxada pelas raízes e regressa. Dina guerreira volta a Canindé e, de vaqueira, torna-se conselheira da comunidade, presidente da Associação dos Vaqueiros, mestre da cultura. O cavalo do pensamento, pelas tantas, assenta, a vaqueira apeia. Os olhos humildes revêem a vida. "Dona Dina, tem alguma coisa que a senhora ainda não fez?", perguntamos. "Eu não fiz nada ainda".

Por isso o engasgo, difícil escolher as palavras. De Dina não se fala, escuta. É ela a sertaneja que me tange de volta às minhas raízes; a mulher na qual entrevejo minha avó, mãe, irmã e a mim mesma, pequenina, embrenhada em hectares de caju; banhando-me em parcas chuvas, num mormaço de chão assustado com a água que demora a ver. Dona Dina é a dona da voz que me recolhe e dos olhos infantis que marejam, diversas vezes, os meus.

Ficha Técnica

Equipe de Produção:

Gabriela Meneses
Leonardo Ferreira
Mayara de Araújo
Mirelle Costa

Texto de abertura:

Mayara de Araújo

Participação:

Armando de Oliveira Lima
Artur Pires
Aurimar Monteiro
Gabriela Meneses
Helena Martins
Isabelle Azevedo
Leonardo Ferreira
Mayara de Araújo
Mirelle Costa
Pamela Lemos
Walber Góes

Foto:

Chico Célio



Entrevista com Dina Maria Martins Lima, dia 01 de novembro de 2008.

Mayara – Dona Dina, a senhora, na pré-entrevista, comentou que só obedecia ao seu pai. Eu quero saber se essa relação com o seu pai foi o que lhe levou a ter esse carinho, essa proximidade, com os animais.

Dina – Bom, é um momento que eu me emociono até em falar, porque a gente sempre tem aquela pessoa que é mais amiga, certo? O papai era aquele senhor que amava todos os filhos, todos eram iguais. E eu me *pegava* (*apegava, confiava, valia-se*) muito a ele. Eu era muito obediente a ele, porque meus irmãos eram muito danados. A gente discutia muito, coisa de criança, coisa de irmão. E eu não era muito de agüentar as coisas deles, não. Se eles dissessem uma palavra que eu não gostava, eu partia logo pra realidade, porque eles tinham que me obedecer! E o papai tinha aquele respeito por mim, que não tinha por eles. Naquela época, os filhos tinham que obedecer muito ao pai, senão o castigo era maior, e eu tinha medo de ser mais castigada do que já era. O papai queria muito que cada filho dele vivesse feliz, tivesse um padrão de vida melhor, porque ele tinha condições. Era um dos fazendeiros aqui do município de Canindé (*cidade a cento e oito quilômetros de Fortaleza*). Nossa fazenda (*refere-se à fazenda Barra do Cancão, a cerca de 65 km de Canindé*) tinha mais de 300 reses e a gente tomava conta daquele gado. Eu era a pessoa que mais me dedicava à vida do campo, lutar com a natureza. Todos os meus irmãos começaram a estudar, eu estudava na escola do interior, mas meu pai achou por bem me botar no colégio Santa Clara, mas eu não gostava. Eu ia mais para fazer os gostos dele, ele escolheu porque pra mim era melhor. No interior, eu não obedecia muito as professoras, não!

Mayara – O Santa Clara era aqui, em Canindé?

Dina – Era aqui. Nossa escola (*colégio interno de freiras*) começava de uma hora às cinco. Era um pouco distante, eu só ia se meu pai me desse um cavalo pra eu ir ou uma bicicleta, senão eu não ia. Os outros irmãos não, eles obedeciam mais, iam a pé, de qualquer jeito. Mas eu botava a maior banca, meu pai sempre dizia: “Vá, minha filha, vá”.

Mayara – Seu pai costumava fazer os gos-

tos da senhora?

Dina – Costumava, porque eu era muito roceira, sabe? Eu dizia: “Eu só vou se o senhor me der o cavalo pra eu ir”. “Dô pronto, vá”. Mas ele queria mesmo era que a gente estudasse. Muitas vezes, quando ele não me dava o animal pra eu ir, eu ficava escondida naqueles pés de mangueira, quando minhas colegas passavam, eu avançava no caderno delas e tomava a lição, para saber o que a professora tinha passado. “Ou você me dá, ou leva um surra de chicote”. As meninas tinham medo mesmo! Eu tomava o caderno, escrevia a lição, pronto. O tempo foi passando, papai disse: “Eu vou internar a Dina no colégio, porque vai ser melhor. Ela tem o temperamento muito forte.” E me internou no colégio.

Mayara – A relação da senhora com a sua madrastra? A senhora disse que seu pai não fazia diferença com os filhos, mas e ela? Fazia diferença ou tratava todo muito igual?

Dina – Não, tratava não. Eu a tenho como mãe, sabe? Eu sempre respeitava muito ela como mãe, mas por eu ser a danada mesmo, por eu ser a pessoa que não obedecia muito a ela – eu obedecia mais a meu pai –, ela dava uma disciplina muito grande.

Walber – Mas ela era carrasca mesmo só com a senhora ou com os outros também?

Dina – Não, era mais comigo.

Pamela – Porque a senhora era mais danada?

Dina – Era... Os outros (*filhos*) faziam *malinação*, quem apanhava era eu, tudo era a Dina (*todos riem*). Era incrível! Um dia meu avô fez meu pai me dar uma *pisa* (*surra*). Eu disse: “Eu vô me vingar do meu vô (*Dona Dina geralmente chama o avô de vô*), eu juro que eu vô!” Ai eu subi num pé de *angico* (*árvore da família das leguminosas*), muita manga aquelas manga Jordão, as coisas mais lindas. Amarrei um balaio e eu disse “Eu vou me vingar, quando ele passar no pé de manga eu vou encher esse *balaio* (*cesto grande de palha em feitio de alguidar*) e jogar na cabeça dele”. Mas por que? Eu fui deixar o almoço do meu avô, meu pai tinha matado uma criação muito gorda. Isso aí eu lembro demais... Aí quando eu cheguei no pé de juazeiro (*árvore típica do Nordeste brasileiro*)

Aproximadamente 120 quilômetros separam Fortaleza do Município de Canindé, cidade da região central do Ceará.

A equipe de produção foi a Canindé dias antes da entrevista. Leonardo não viajou com a equipe porque havia quebrado o pé no dia anterior, no conhecido evento da Comunicação Social da UFC, “Bixo na Brasa”.

A pré-entrevista só começou depois do lanche farto que dona Dina ofereceu à equipe: pão, bolo, café e refrigerante....

tinha muito juazinho e tinha um senhor, um *esmoléu* (expressão comum no nordeste, significa mendigo que pede esmolas), que sempre ficava, era *ambulano* (ambulante). Aí eu dividi a carne: metade da comida dei pro *esmoleu*, e, desse lado aqui (*aponta o lado do prato*), eu botei um juazinho pro meu avô. Tinha precisão (*necessidade*) de eu fazer aquilo? Coisa de adolescência mesmo. Aí cobri com o feijão, a carne, o arroz. Quando cheguei lá, meu avô: "Que arrumação é essa, você encheu minha comida de juá? Eu disse: "Não fui eu não"! Eu pensei que meu avô não ia (*dizer*) porque o papai ia me dar uma surra, né? Meu avô levou o pratinho de comida, nesse tempo não existia marmitta, eram uns *aguidá* (*alguidar*) de barro, uns pratos tipo de barro. Vovô chegou, mostrou pro papai, ele disse: "Isso só pode ser arrumação da Dina, ô"! Papai me chamou: "Dina você fez isso?" Daí eu fiquei, quis negar. (*O pai insistiu*) "Dina, você fez isso?" Eu: "Não papai, é porque Manoel Amorim tava com muita fome e eu dividi com ele." (*O pai*): "E precisava encher o prato do seu avô de juá?" Eu fiquei por ali e ele (*o pai*): "Bora, uma surra." Daí eu: "Deixe estar meu avô que você vai me pagar (risos). O caminho dele, para ir à roça, passava por debaixo dos pés de mangueira. Aí que foi que eu fiz: numa tardezinha levei um balaio, subi nos pés de mangueira... Gente, eu sofri para subir nesse pé de mangueira, mas subi. Quando meu avô passou, ele era "corcundinho", não olhava muito para cima, aí joguei tudo na cabeça do meu "vô"! Aí foi manga! Ele olhou para cima, não disse nada. Gente, ele era malvado, meu "vô". Na pressa, soltei o balaio, corri por dentro dos matos primeiro de que o meu "vô". Quando eu cheguei, ele já tinha conversado com papai. Meu pai disse assim: "Dina, você fez isso?" Eu quis negar, mas disse: "Fiz papai, porque ele fez tudo pra o senhor me dar uma pisa". Papai disse: "Pois você vai levar outra!" (risos) Daí eu disse: "Papai não me bate não, eu nunca mais faço isso". Daí ele (*o pai*) mandou eu me ajoelhar nos pés do meu avô, beijar a mão do meu avô, me abraçar com ele e pedir perdão.

Gabriela – Dona Dina, a senhora falou desse seu contato com os animais, que a senhora ia a cavalo para o colégio. Quando a senhora começou a ter esse contato, de montar, de cuidar dos animais?

Dina – De criança, com idade de sete anos, eu já começava. Montar em burro... Papai tinha muitos animais, tinha um jumento lá chamado *Pretim*. Esse jumento era muito danado, sabe? Ele coaçava, rinchava (*dava coice, relinchava*)... Eu amarrava o jumento no pé de mourão (*grosso toro de madei-*

ra, fincado ao solo nos currais e no qual se amarram as reses para a ferra, castração ou trato) e subia no jumento. Meu irmão dizia assim: "Você não vai montar nesse jumento porque ele lhe derruba". Mas ele não me derrubava, era incrível! Derrubava os outros, os meninos que iam para a escola. A gente juntava uma turma, às vezes na areia, onde passava o rio, daí: "Vamos montar no *Pretim*!" Mas era incrível, eu não caía, sabe? O jumento era manso comigo. Daí começou a vida de lutar com os animais.

Quando era fim de semana, que meu pai vinha fazer compra aqui em Canindé, ele vinha montado no cavalo, porque nesse tempo era muito longe, não tinha transporte. Ele botava a cangalha (*armação de madeira ou de ferro em que se sustenta e equilibra a carga dos burros, metade para um lado deles, metade para o outro*) e os caçoás (*cesto de vime ou cipó que serve para carregar mantimentos e é transportado por animais de carga no interior do Nordeste brasileiro*), selava o animal, ele e minha mãe iam a Canindé fazer compras. Como era distante, saíam na sexta-feira de madrugada para amanhecer o dia aqui (*em Canindé*) no sábado. Aquilo era a vida que eu pedi a Deus! No sábado, eu sabia que o papai estava aqui no Canindé. Eu me unia muito com meus irmãos, nós tínhamos animal no curral e cada um queria amansar o animal: "Vamos ver quem tem mais cuidado de pegar o animal! Vamos ver quem não cai"! E cada um tinha vontade mesmo de vencer, né? Eu dizia: "Pega o animal, segura que eu monto". Num instante eu montava!

Helena – Mas deve ter sido difícil no começo, a senhora mulher, tendo irmãos homens que poderiam ser os vaqueiros da casa, a senhora era a que tinha mais jeito com animal. Como é que foi isso? No começo teve muita dificuldade para aceitar?

Dina – No começo teve dificuldade. Eu ti-

“Papai, o senhor me dê um presente de um cavalo! O senhor dá a todo mundo uma novilha de vaca, para os meninos cuidar, então o senhor me dê um cavalo!”

Durante a conversa, Dina mostrou-se muito apaixonada pelo seu primeiro namorado e marido Fernando. Mas não quis falar sobre o relacionamento que teve, depois de viúva, com o comissário da polícia civil, Jeovah Bezerrinha.

nha um cavalo, porque eu pedi ao papai e ele me deu: "Papai, o senhor me dê um presente de um cavalo! O senhor dá a todo mundo uma novilha de vaca, para os meninos cuidar, então o senhor me dê um cavalo!" Ele disse: "Minha filha, se é isso que você escolhe..." Ele me deu um poldo de cavalo (*segundo dona Dina, é um cavalo não domesticado*) com o nome de Estrelinha e eu tratava muito esse cavalo, arrumei um amigo para me ajudar a amansar o animal.

Mirelle – (a senhora estava) Com quantos anos?

Dina – Eu tinha 10 anos na época. Puxava ele (o cavalo) para um lado, puxava pra outro, banhava. Eu montava assim: eu ficava em cima de um tamborete (*banco pequeno de madeira*) ou num banco. Para banhar o cavalo, eu passava um escovão, eu banhava ele com água de Juá (*mistura feita com a casca do tronco de juazeiro, planta rica de substância que faz espuma*) que era para (o cavalo) ficar com a pele, com o cabelo bem limpinho! Eu raspava o Juá, fazia aquela espuma...

Mirelle – A senhora já sabia de tudo isso?

Dina – Porque era assim: lá no interior, antigamente, a gente lavava a cabeça com Juá, ninguém conhecia o que era xampu. Ou (era) sabão de coco ou Juá. Então eu achava que, se o cabelo da gente ficava bonito com água de Juá, o do cavalo também ficava.

Helena – E dava certo?

Dina – Dava certo. O cavalo tinha o cabelo bonito. Eu não deixava o cavalo levar o sol do meio-dia; eu pilava o milho no pilão (*maço de madeira calçado de ferro, usado para pisar alimentos*), pisava, pisava para dar (ao cavalo) com ração; cortava o capim e dava a ração misturada com o xerém (*grão de milho triturado no pilão*). Meus irmãos, cada um tinha os animais deles, e sempre tinham assim uma... Coisa de irmão. Quando foi um dia eu vim a Canindé. Era a primeira vez, eu nunca tinha ido à cidade, ia somente fazer compras. A primeira vez que eu vim foi em novembro. (Quando) cheguei lá, o cavalo tava arrepiado, feio, (*meu irmão*) tinha pego terra e jogado em cima do cavalo para ele mudar de cor. Aí eu pensei: "Deixe estar que eu pego ele de surpresa." Coisa de irmão, quando briga com outro! Mas a gente era bem (*eram unidos*), fazia aquilo mesmo só pra emburrar (*implicar, provocar*). Eu dei uma rasteira nele, peguei a cabeça dele e botei num formigueiro. Ele ficou louco, com a cabeça cheia de formiga, sabe? As formigas ferroaram ele, daí papai me deu uma surra. Nunca papai tinha me batido, mas valeu à pena a surra que papai me deu (*risos*).

Gabriela – Dona Dina, a senhora falou que

esteve no colégio interno, por que a senhora foi para esse colégio?

Aurimar – Será que foi para "abaixar" a birra?

Dina – Em nossa fazenda, tinha uma moça chamada Cotinha. Ela casou com um rapaz do interior e foi morar lá. O papai dizia que tinha muita vontade de me internar nesse colégio. A gente arrumou a internação dela (*da Cotinha*) e eu fui me internar lá (*também*). Deus, que pesadelo! Um quartinho era pra três internas. Quando levantava de manhã, a gente tinha que tomar banho, tomar café, fazer a oração, tomar banho... Tomar banho, graças a Deus, toda vida, eu gostei (*risos*). Depois do café, cada uma tinha sua tarefa, até chegar a hora da aula. Era um desengano tão grande! Quando terminava o almoço, a gente ficava na cozinha arrumando, ajudando as irmãs. Nossa aula sempre era à tarde, quando era uma da tarde eu me arrumava, a gente ia para a aula. Quando todo mundo saía da sala de aula, já tinha uma tarefa: uma aguava (*regava*) o jardim... Quando eu chegava no momento para a minha tarefa da cozinha, eu chorava, me dava um desespero, uma vontade de voar pela janela, ir embora de uma vez por todas.

Pamela – O que a senhora tinha de fazer na cozinha? Lavar...

Dina – Lavar, ajudar a secretária das irmãs a fazer uma sopa, aprender alguma atividade.

Gabriela – Dona Dina, como era a sua relação com as freiras?

Dina – Muito bem (*boa*). Elas gostavam muito de mim, porque eu me dava muito (*com as freiras*), eu podia fazer minha *malição* (*má-criação de criança*), mas que elas não percebessem. Tinha a irmã Judite que era uma irmã muito boa, um anjo de pessoa. Quando eu ia para o interior, adulava muito ela, trazia queijo, galinha, ovos, carne, tudo o que você possa imaginar que eu pudesse trazer, eu trazia. E a irmã Judite era um amor de pessoa, gostava muito de mim, e ela era a superiora.

Gabriela – Dona Dina, quais eram as outras atividades que a senhora tinha nesse pe-



Após algumas horas de conversa, dona Dina convidou a equipe para almoçar. A equipe relutou, mas acabou se deliciando com uma comida simples e caprichada, com direito à repetição.

Após todo o trabalho de pré-produção, a equipe aproveitou para passear no centro de Canindé, tirar fotos na basílica de São Francisco e comprar lembranças.

7. Chegando a Fortaleza, a equipe de produção ficou tão empolgada com o material que postou um blog na internet: <http://www.aquitemdina.blogspot.com>.

ríodo do colégio? A senhora disse (*durante a produção da entrevista*) que durante um tempo trabalhou até ajudando nas romarias...

Dina – Eu comecei a fazer amizade com a professora Terezinha Santos. E eu falei: “Dona Terezinha, eu vi aquele grupo de bandeirantes. Por que a senhora não me coloca naquele grupo?” Ela disse: “Eu vou falar com a irmã Judite”. E a irmã Judite aceitou eu trabalhar como bandeirante. A gente usava uma fardinha azul (*ela demonstra como era toda a roupa*), uma fitinha, tinha o broche do bandeirante e o chaveiro, os canivetezinhos quando a gente andava, fazia barulho. E até que eu gostava daquela vida de liberdade, à tarde, trabalhando com os romeiros, na procissão, foi como eu fui criando um pouquinho de gosto. Mas só um pouquinho!

Isabelle – Dona Dina, em nenhum momento passou pela sua cabeça ser freira?

Dina – Não, de jeito nenhum. Eu achava bonito, respeitava, mas olhava assim para as freiras todas rezando, sabe? (*todos riem*) Em uma visão daquelas, não dava não!

Walber – Dona Dina, até que idade a senhora ficou no colégio interno?

Dina – Até os 17 anos.

Walber – Quando foi que a senhora decidiu voltar pra casa? Como foi?

Dina – Porque a primeira missa do vaqueiro (*foi*) em 1970. Até o ano dessa missa (*dia 01 de outubro*) eu ainda fiquei no colégio, assim nesse desgaste todo, mas eu ainda fiquei. Eu sei que depois da festa de São Francisco, eu disse: “Frei Lucas (*pároco de Canindé na época*), eu vou fazer um pedido ao senhor. Eu não gosto de ficar no colégio, eu queria ir embora, voltar para a fazenda.” Ele foi e disse: “Pois eu vou falar com a irmã Judite”. Fizeram aquelas reuniões de padre com freira. Eu sei que no outro dia a irmã Judite me disse: “Dina, você quer ficar ou não?” Eu disse: “Quando terminar minhas férias (*ela quis dizer aulas*) eu vou embora e não volto mais”. Ela (*a freira*) disse: “É, já que é assim eu vou lhe respeitar, você não quer ser freira.” (*Dina disse*) “Eu quero mesmo não.” (*Irmã Judite insiste*) “Dina, se você tentasse mais uma vez, se você viajasse, fosse pro Belém.” Eu disse: “Deus me livre, lá

tem gado? (*risos*) Lá tem fazenda?” (*a freira*) “Tem não.” (*Dina*) “Vou nada, vou nada.” Eu sei que eu voltei.

Walber – Aconteceu algum episódio da sua vida que marcou o início da senhora como vaqueira?

Dina – Aconteceu. No começo, ele (*o pai*) não aceitava, não. Ele queria e não queria. A gente sentia que ele gostava que eu fosse pro gado, pro campo buscar as vacas. Eu zelava os animais, zelava as vacas, os bezerrinhos que estavam doentes, fazia mastruz, água de mastruz (*caldo feito com a planta medicinal utilizado para curar ferimentos. A água pode ser ingerida ou aplicada no local machucado*) (*e*) dava pro bezerro. Eu sentia que ele gostava, mas não queria declarar. Sabe como é você gostar de uma coisa, mas não quer dar a colher de chá pra pessoa ter oportunidade? Quando foi um dia, nas minhas férias, chegou um fazendeiro na casa do meu pai. Isso eu tinha 14 anos. Papai mandou eu fazer um café. Eu disse: “Certo!” Eu não gostava de cozinha, como ainda hoje eu não gosto. Eu entrei e disse: “Papai mandou que tu (*uma das irmãs dela*) faça bem depressa um café pro seu Sitó.” (*a irmã*) “Porque você não faz?” (*Dina*) “Porque papai mandou que você fizesse, você sabe que papai mandou o recado, a coisa pega.” Eu tinha certeza que papai ia me chamar pra mostrar aquela novilha. O fazendeiro disse: “Olha *cumpade* Zé Martins, eu vim aqui porque desapareceu uma novilha do nosso gado. Já me disseram que essa novilha está no seu rebanho de gado.” Eu andava muito. De tardezinha, eu terminava de ajudar mamãe, (*e*) andava pelo campo. E sábado e domingo eu não queria outra vida.

O papai disse assim: “Só quem pode saber disso é a Dina porque ela conhece tudo aqui.” (*Papai*) me chamou e disse: “Dina, minha filha, você sabe se tem uma novilha junto com nosso gado?” Eu fui e disse: “Tem papai, é uma novilha amarela. Faz dias que essa novilha tá junto com nosso gado”. Papai disse: “Você não podia montar num cavalo e mostrar a novilha pro *cumpade* Sitó?” Meu Deus, aquele momento parecia que eu ia era pro céu. A felicidade que teve dentro de mim... Lembrei de mais nada na vida. Eu disse: “Pai, o senhor me empresta seu gibão (*jaqueta de couro que faz parte do traje típico do vaqueiro*)?” Ele disse: “Empresto.” Eu sei que papai selou meu cavalo, Estrelinha, cavalo lindo, lindo! Eu chamei (*os cachorros Perigo e Perigoso*)... Porque toda vida eu gostei muito de criar cachorro. Pronto, calcei a chinela (*do pai dela*), bem maior de que... Mas, mesmo assim, amarrei as chinelas, vesti as pernas (*calça de couro que fica presa*



Dias depois, a equipe volta com todos os entrevistadores. A viagem foi totalmente patrocinada pela Expresso Canindé, graças ao esforço da equipe de produção e a ajuda do nosso querido Ronaldo Salgado.

a cintura e cobre do pé até a virilha), botei o gibão, o guarda-peito (*avental que protege o peito do vaqueiro*), chapéu, montei no cavalo e sai na frente, os cachorro brincando e os vaqueiros me acompanhando.

Quando chegamos (*na lagoa*), avistamos a novilha, comendo junto com o gado. Procurei tirar a novilha do rebanho. Sai correndo atrás dessa novilha e os cachorros me ajudando, pega aqui, pega acolá. Os cachorros pegavam na cara da novilha, pegavam no rabo da novilha, pegavam nos dentes da novilha, até que uma hora eu consegui derrubar. Quando eu derrubei, eles (*os vaqueiros*) chegaram junto (*e*) me ajudaram a mascarar (*amarrar o focinho da novilha*). O fazendeiro ficou muito abismado com aquilo e disse: "Viu fulano, que moça disposta." Eu era do tamanho que eu tô hoje, só cresci até os 15 anos. Eu era mais magrinha, muito disposta. Hoje não. Engordei mais, quebrei perna, quebrei braço... Eu sei que entreguei (*a novilha*). E o fazendeiro olhava pros vaqueiros e eu sentia que eles conversavam, mas eu também não dava muito cartaz. Saí tangendo a novilha. Os cachorros, quando a novilha queria sair ali, os cachorros pá! Pegavam. Eu sei que a gente chegou em casa, papai abriu a porteira, botou a novilha pro curral... O fazendeiro não foi nem ligar pra novilha, foi logo dizer: "Cumpade Zé Martin, eu fiquei agora apavorado com uma coisa." Ele (*o pai de Dina*) disse: "O que foi?" (*O compadre*) "Eu nunca pensei que você tivesse uma moça tão disposta que nem a Dina." O papai disse: "Ela tá acostumada. Ela tá fazendo confusão pra ir para as vaquejadas e eu vou abrir mão".

Aurimar – Quer dizer que a senhora já derrubava (*novilha*)?

Dina – Escondido dele. (*risos*) Quando foi depois disso, chegou um rapaz lá em casa por nome Zé Augusto Queiroz, que eu não me lembrava disso, outro dia eu tava lembrando. Havia uma vaquejada aqui na fazenda Papel (*fazenda localizada no município de Canindé, distante cerca de 25 km da zona urbana*), que era uma das vaquejadas maiores que tinha no município de Canindé, fora a de Itapebussu (*município que fica a 59 km de Fortaleza, capital do Ceará. A vaquejada é uma das maiores do Brasil e existe há 63 anos*). O Zé Augusto (*era*) muito amigo do papai. Eu disse: "Papai, eu vou fazer um pedido: deixa eu ir olhar a vaquejada do seu Zé do Cordeiro." Ele disse: "Eu deixo, se o Zé Augusto tomar conta de você, se você for mais seus irmãos, seus amigos. Chegar lá e arrumar um lugar pra você ficar, que eu não acho isso certo." Chegando lá, arrumaram logo um quatinho pra eu ficar. O Zé Augusto

também era uma pessoa muito... Porque todos nós, filhos de fazendeiro, éramos muito unidos, aqui no município de Canindé. Nós *tinha* aquela união assim como se fosse irmão. A gente se respeitava muito naquela época. Ninguém podia nem chegar e abraçar e beijar. Nossa senhora, era castigo! Eu sei que a gente foi pra essa vaquejada. Primeira vaquejada que eu fui. Cheguei lá, o Zé Augusto: "Dina, você se *astreve* (*atreve*) a correr?" (*Dona Dina*) "Me *astrevo!*" (*Zé Augusto*) comprou a inscrição (*antes da vaquejada, o vaqueiro compra uma inscrição para poder competir*). Primeira vez que eu corri mesmo em vaquejada pra todo mundo ver. Eu sai (*fez dupla na corrida*) com Zé Augusto Queiroz. Eu peguei no rabo do garrote (*ouro jovem*) e dei pra ele. Não tive força de derrubar. (*Na*) segunda (*na segunda vez que Dina pega no garrote*) eu já fiquei mais forte, confiante. Quando eu peguei no garrotinho, pá! Derrubei, o cavalo passou por cima. Ah, foi bom demais. Nossa senhora!

Mayara – Seu pai sabia que a senhora ia pra correr ou ele achava que a senhora ia só olhar?

Dina – Ele tinha dúvida. (*risos*) (*O pai de Dina dizia*) "Se você achar que vai correr com bezerrinho pequeno, pode correr sim, se não, minha filha, não vá se precipitar." (*Ela respondia*) "Tá certo, papai, pode ficar tranqüilo que eu não vou quebrar nenhuma perna e nenhum braço".

Mayara – O que as mulheres diziam, dona Dina? As mulheres que iam ver a vaquejada, o que elas diziam da senhora?

Dina – Despeitadas. (*risos*) Elas eram tão despeitadas, mas eu não *tava nem aí*.

Walber – Elas nunca se atreveram a fazer nenhum comentário maldoso?

Dina – Nunca se atreveram a fazer nenhum comentário. Mas a gente notava que elas... Eu sentia que elas tinham aqueles preconceitos. Elas eram despeitadas. E os rapazes me admiravam. Lá existia a ciúmeira, só que eu não dava cartaz a ninguém, não dava liberdade a ninguém. Só *tava onde tava mi-*

"A gente sentia que ele gostava que eu fosse pro gado, pro campo buscar as vacas (...) Eu sentia que ele gostava, mas não queria declarar."

No dia da entrevista, todos foram almoçar no Restaurante Cajueiro, indicado pelo professor Gilmar de Carvalho. O almoço estava muito bom! O dono do restaurante ainda disponibilizou dois carros para levar a turma ao destino desejado.

A casa de dona Dina impressionou a todos pelo capricho da anfitriã com os detalhes que vão desde adesivos coloridos na parede, até capas bordadas em quase todos os utensílios da cozinha.

A turma logo comenta quando a conhece: os meninos exaltam a beleza dela e as meninas, a idade não aparentada.

nha turminha. Quando chegava uma pessoa, eles (*os amigos de Dina*) diziam assim: "Você conhece?" (*Ela respondia*) "Não". (*E eles dizem*) "Pois, moço, tenha a bondade de sair daqui, que aqui só é nós, é família."

Aurimar – A senhora chegou a ganhar alguma vaquejada?

Dina – Ganhei. O primeiro ano que eu corri nessa vaquejada (*na fazenda Papel*) eu ganhei. Eu fiquei em primeiro lugar. Como mulher fiquei em primeiro lugar. Eu recebi um trofeuzinho, uma coisa muito bonitinha, feito de madeira.

Quando foi na outra vaquejada que houve em Caridade (*município do interior cearense que fica próximo a Canindé*), o papai abriu mão mesmo. Eu cheguei muito feliz. Também eu fazia tudo que o papai... Nossa senhora! Obedecia, deixei de brigar, de discutir, deixei de bater, de judiar com meus irmãos, eu me sentia assim uma rainha dentro de casa.

Mayara – A senhora, pelo jeito, conquistou muito prêmio, mas quando o coração da senhora foi conquistado? (*Todos: "Hum...!" e dona Dina ri*)

Dina – Quando veio a missa do vaqueiro, organizei a *vaqueirama* (*coletivo de vaqueiro*). Aí apareceu o Fernando, (*ele*) já era amigo de vaquejada. Na missa do vaqueiro, o Fernando olhou pra mim, eu também olhei para ele, claro! Quando terminou a missa, ele: "Dina, quer tomar um refrigerante?" Eu olhei assim pros companheiros, o Chico Varandão (*disse*): "Toma Dina, toma". O Zé Augusto Queiroz (*dizia*): "Vai Dina, toma o refrigerante! Aceita Dina, aceita".

Helena – Seus amigos perceberam que tinha uma coisa diferente, né?

Dina – Perceberam. Ele já tinha dito pros meus amigos: "Eu vou conquistar a Dina". Os meninos diziam: "Conquista não, conquista não".

Artur – A senhora tinha que idade?

Dina – Nessa época eu já tinha 17 anos. Começamos a namorar às escondidas. Começamos bilhetezinho vai, bilhetezinho vem. O papai não podia saber, porque, se ele soubesse, me prendia. Ele me dizia: "Olhe, eu tenho muito medo das minhas filhas namorarem por aí. Eu quero que minhas filhas casem de



Vaidosa, dona Dina, antes de posar para as fotos, faz questão de colocar batom e pentear os cabelos.

vêu e grinalda." Que bobagem daquela época! Todo mundo casar de vêu e grinalda. O pessoal antigo era muito legal!

Leonardo – O que o Fernando tinha para te agradar?

Dina – O Fernando era assim: ele era um rapaz bonito, os olhos azuis, bem mais velho que eu 10 anos. Muito sério, só falava se a gente falasse com ele. Eu dizia: "Pronto, esse não vai ser *barriga branca* (*diz-se do homem submisso*)" (*risos gerais*)

Helena – Mas ele era bom vaqueiro?

Dina – Ele era um bom vaqueiro. Toda vaquejada o Fernando só queria correr comigo. Era cheio da grana, né, comprava a inscrição pra correr comigo.

Mayara – Mas ele era noivo, não era?

Dina – Ele era noivo com outra moça. Eu tinha medo, porque ele era noivo com outra moça. Ele começou: "Sabe que você me agrada muito, sabe que eu tô simpatizando muito com você." (*Eu disse:*) "De que jeito?" Ele disse: "Eu tô simpatizando, sabe que eu vou deixar minha noiva por você". Eu dizia: "Deixe não. Deixe não porque eu não quero namorar ninguém." (*Então*) ele disse: "Mas você vai namorar comigo." Eu disse: "Só se você pedir meu pai, pedir permissão aos meus amigos." O Zé Augusto Queiroz, o Arimatéia e o Chico Varandão ouviram ele dizer aquilo e disseram: "Por mim pode, Fernando." (*risos de gerais*). Claro que meu coração já tava sentindo, só que eu não me entregava.

Helena – Tava difícil ainda!

Dina – Tava difícil (*risos de todos*). Ele disse assim: "Eu vou pedir seu pai." Começou a andar lá em casa, a juntar o gado...

Artur – E o seu pai aceitou logo de primeira, sem problemas?

Dina – O papai quando começou a perceber, que a gente tava namorando, me chamou e disse: "Dina, me diga uma coisa. Não me negue. Você tá namorando o seu Fernando?" Ele chamava seu Fernando. Eu disse: "Papai, bem namorando não tá não (*risos*). Mas eu vou ser muito sincera com o senhor..." Papai gostava de mim porque eu não mentia pra ele. "Papai eu vou ser muito sincera com o senhor. Eu lhe respeito muito, meu pai, mas eu não posso mentir. Meu coração tá batendo forte." Ele chamou: "Fernando, me diga uma coisa, você tá namorando a Dina?" Ele (*Fernando*) disse: "Seu José Martin, eu tô com muita vontade de namorar ela. Se o senhor permitir?" Foi onde o Fernando conquistou o papai: se o papai permitisse, eu namoraria com ele. Mas o papai disse assim: "Você é noivo." Ele (*Fernando*) disse: "Mas eu não sou casado com ela." Com a Muninha. Pense numa encrenca grande! Esse

homem ia lá pra casa dia de sábado, não podia se beijar, era só conversar. Um ficava olhando pro outro e a minha mãe *pastorando* (*vigiando*) (*risos*). Foi passando o tempo, ele me pediu a casamento. Quando ele me pediu a casamento disse que eu não podia mais vir pra missa do vaqueiro. Eu disse: "Não pode. Tá acabado o noivado." (*risos*). Ele disse: "Não Dina, eu tô é brincando." (*Só*) sei que a gente casou.

Mayara – Como foi o casamento, dona Dina?

Dina – O casamento foi muito bonito. Foi o Frei Lucas que fez o casamento. Uma festa grande. Papai matou dois bois e convidou toda vizinhança. Dois bois, uns três porcos. Era muita galinha, muita comida! Foi uma festa muito bonita. Passou isso, fui morar na fazenda Jacurutu (*fazenda localizada na zona rural de Canindé*) trabalhando muito, cuidando de uma fazenda de mais de mil reses.

Gabriela – Ele era o vaqueiro da fazenda...

Dina – Ele era o vaqueiro e o gerente.

Gabriela – Que atividades a senhora exercia na fazenda?

Dina – Dona de casa.

Armando – Foi pra cozinha?!

Dina – Eu disse logo a ele: "Fernando, eu não gosto de cozinha." Ele disse: "Eu vou arrumar uma moça pra ajudar você." Ora, o que eu quis! (*risos*). Eu dizia: "Fernando, deixa eu ir campear contigo?" Ele deixava. *Nós saía* no campo, às vezes, mas não eram todos os dias não. Arrumei uma escolinha pra eu ensinar. Ele mesmo arrumou com o patrão pra eu ensinar nessa escolinha, eram 40 crianças. Eu ensinava à tarde, mas sempre de manhã, às vezes, eu selava o animal, a gente ia campear.

Isabelle – Dona Dina, como era a relação da senhora com as mulheres dos outros vaqueiros? Eles tinham medo que a senhora influenciasse que elas fossem montar?

Dina – Não, até que isso aí ia bem. Os outros vaqueiros me admiravam muito. Graças a Deus, quanto a isso, eu tive muita sorte. Eles não pensavam que eu fosse incentivar a esposa deles a andar no campo, porque não era certo. Muitos deles diziam assim: "Ah, se fosse minha mulher eu não deixava." Fernando dizia: "Cala tua boca, porque senão eu vou na tua casa e digo a tua mulher que tu arranhou uma namorada."

Helena – E o Fernando? Aceitava, ficava chateado...

Dina – O Fernando aceitava a gente correr em vaquejada juntos. Eu tratar meu cavalo. A vida de doméstica em casa, não fazia diferença, porque eu arrumava tudo direitinho, com muita calma. A roupa dele era arrumada

direitinho, e a alimentação... Eu já amanhecia o dia fazendo tudo direitinho. Quando arranhou uma moça pra morar comigo (*ajudar nos serviços de casa*), a coisa melhorou.

Walber – Vocês eram muito amigos?

Dina – Era, *nós era* muito amigos.

Gabriela – Dona Dina, e os filhos da senhora vieram logo depois do casamento?

Dina – Com um ano de casada, eu engravidei. Até os sete meses eu andava, montava no cavalo. Com oito meses eu não montei mais.

Helena – A senhora ficou até sete meses ainda montando?!

Dina – Foi, mas não lutava assim pra derubar boi. Às vezes dava (*uma volta*), botava as vacas pro curral, às vezes ia buscar os animais mais perto... Quando eu tive meu primeiro filho foi em casa, foi muito rápido. Não deu tempo nem a parteira chegar. Quem fez meu parto foi o Fernando.

Mayara – O Fernando fez o parto?!

Dina – Eu senti na madrugada uma dor, quando ele (*Fernando*) foi chegando, a criança foi nascendo. Ele já foi buscar uma moradora pra cortar o umbigo da criança. Nasceu o Júlio César. Depois de nove meses eu engravidei de novo, (*dessa vez*) da Ângela. Até o segundo filho eu tive em casa, parto normal. A terceira filha (*Íris*) eu tive no hospital, já foi três anos da Ângela pra Íris. Meus filhos foram pequeninhos, mas não empatavam de jeito nenhum, porque o Fernando sempre arrumava uma moradora pra ficar com a gente. Tinha uma senhora por nome Luciene que morava na fazenda, passava o dia lá em casa comigo, fazia tudo, até cuidar dos meus filhos melhor do que eu, porque eu queria mesmo era a vida no campo, eu gostava mesmo era de lutar com o gado.

Mayara – E o que é que mudou na dona

"Começamos a namorar às escondidas. Começamos bilhetinho vai, bilhetinho vem. O papai não podia saber, porque, se ele soubesse, me prendia"

Antes de começar a entrevista, dona Dina agradece a presença de toda a turma e fala que o dia não poderia ter sido tão bem escolhido: dia 1º de novembro, Dia de Todos os Santos.

A fala de dona Dina é carregada de regionalismo, com expressões típicas do interior do Ceará, até quando menciona objetos.

Quando dona Dina está conversando com a equipe comenta que sabe assoviar. Ela coloca os dois dedos na boca e dá um alto assóvio.

Dina depois que a senhora se tornou mãe? A senhora achou que ficou menos afoita?

Dina – Eu mudei, mudei...

Armando – Se aquietou?

Dina – Me *aquietei*... um pouquinho!

Leonardo – Mas comparado com sua mãe, a senhora achou que criou seus filhos igual?

Dina – Não, eu criei bem diferente... Ah, meus filhos eu criava assim com muito carinho. Às vezes, passeava com eles, montava nos cavalos mansinhos, porque lá tinha uns cavalos bravos, cavalo de campo e os cavalos de passeio. Eu pegava o Júlio César, mesmo novinho, botava na garupa do cavalo aqui (*mostra onde era, em uma cela imaginária*), ficava segurando e a Angelazinha botava aqui na lua da cela, ficava dando uma volta. Eu queira muito bem a eles, queria não, quero muito bem a eles. Eu botei eles pra estudar, a gente morava lá no Jacurutu, mas todos os dias eu vinha deixar eles na pista pra pegar o ônibus. Quando dava à tardinha, eu esperava na pista e pagava o motorista por mês. (*Em*) determinado tempo, a gente conseguiu arrumar uma casa aqui (*no Canindé*). Mas sempre um dia (sim), outro não, eu vinha e deixava a lida da fazenda (*os filhos foram morar com a avó em Canindé e Dina continuou no interior*). Mas um dia eu me aborreci com meu patrão, porque tinha muito gado com fome. Eu peguei o trator e fui buscar uma carroça de capim, em outro lugar. De lá pra cá, a carroça desandou e amassou (*o trator*), um rapaz disse pro meu patrão que eu tava passeando nos carros. O meu patrão, seu Chara Barroso, chegou lá na fazenda e disse que queria o Fernando lá, mas eu não. Eu disse: "Pois tá aí a chave do seu carro, do seu trator, eu tava ajudando com os animais, eu tava botando comida pros animais, o empregado da fazenda é o meu marido, não sou eu". Começamos a se desgostar, sabe, do patrão. Eu disse: "Eu tenho pra onde ir". *Nós tinha* nosso terreninho. Sei que arrumamos

"Com um ano de casada, eu engravidei. Até os sete meses eu andava, montava no cavalo. Com oito meses eu não montei mais"

O professor Ronaldo Salgado interrompeu por alguns instantes a entrevista para advertir a todos que perguntavam ao mesmo tempo e prejudicavam as respostas de dona Dina.

essa casa e eu vim embora pra cá.

Gabriela – E o Fernando?

Dina – O Fernando ainda ficou lá uns três meses. Mas eu ia lá, depois vendemos nosso terreno... Eu sei que o Fernando morreu. (*um breve silêncio*) Quando o Fernando morreu, foi um desastre, sabe, na vida.

Armando – Isso foi quanto tempo depois de casados?

Dina – Uns 17 anos. Mais ou menos uns 17 anos de casado... Então (*pouco antes do Fernando falecer*), um cara tinha uma sociedade com o Fernando (*o cara é Eduardo Baltazar, uma grande amigo de Fernando*), tomou tudo o que a gente tinha. A minha filha adoeceu, quebrou uma perna. Fraturou o fêmur, passou 48 dias no Hospital Geral (*em Fortaleza*). Isso foi um desgaste muito grande, certo, mas eu não abaixei minha cabeça, não abaixei minha cabeça por nada nesse mundo. Eu corria daqui pro Hospital Geral. Ela (*a filha Ângela*) ficou internada no hospital e o Fernando teve uma depressão muito forte.

Helena – Por causa dessas dívidas?

Dina – Isso, porque o cara tomou tudo mesmo que a gente tinha. Pediu um dinheiro a ele (*ao Fernando*), duzentos e vinte cruzeiros na época, pra ir pro Quixeramobim (*município do interior cearense, distante 203 km da capital*) comprar o gado, e esse dinheiro nunca apareceu. Fernando *chamou ele* pra prestar conta e ele dizia que o cara (*do Quixeramobim*) não tinha pago e a gente sabia que ele (*Eduardo*) tinha gastado todo o dinheiro, tinha comprado uma casa, tinha comprado um carro. O Fernando começou a cair em depressão, (*o Fernando dizia*) "Puxa vida, trabalhei 17 anos e o cara tomou..." Mas eu era muito forte, dizia: "Fernando, olha, levante a sua cabeça, você vá trabalhar. Tem um restinho, alguma coisa. Eu trabalho no hospital, sustento meus filhos, não abaixe sua cabeça por nada". Mas o quê? Fernando começou cair em depressão, sentir muita dor de cabeça... A minha filha leva um escorrego quebra o fêmur, foi pro Hospital Geral. No dia em que a minha filha recebeu alta, Fernando morreu no hospital SOS (*localizado no centro da cidade*).

Mirelle – Dona Dina, foi porque ele faleceu que a senhora resolveu ir pra São Paulo?

Dina – Depois que ele faleceu, nós entramos numa confusão, numa briga, pra que ele (*Eduardo Baltazar*) pagasse esse dinheiro, porque não era do meu marido? O cara dizia que não tinha, que esse dinheiro não era dele (*do Fernando*), não era, não tinha esse dinheiro, mas a gente sabia que tinha. As testemunhas tiveram medo, porque o cara era muito valente. As testemunhas tiveram medo

de depor que o Fernando tinha dado esse dinheiro. Quando foi um dia, eu saí daqui, *(e disse)* "Ô, hoje o Eduardo, ele hoje me paga!" Ele tava dentro de um botequim, quando foi no botequim, nós *travemo (trocamos)* murro um com o outro, a polícia passou levou eu e ele. Rolando pelo chão mesmo, ô! *Garrei* aqui nele, aqui ô *(dona Dina demonstra, agarrando sua própria camisa)*, puxei as orelhas dele, dei uma mordida na orelha dele, quase aparta *(separa, rasga)*! Fomos pra delegacia, chegou lá, a irmã Branda sabia o que se passou. Com pouco tempo, ela chegou e disse: "Olha, a Dina aconteceu *(fez)* isso por causa de desespero, porque era o trabalho de 17 anos do esposo dela numa fazenda e venderam o terreno dele, venderam o gado dele, e esse cara pediu todo o dinheiro". Eu sei que nós fomos pra justiça, mas não deu jeito, porque o juiz foi e disse "Não, não tem nenhuma testemunha, ele diz que não tem esse dinheiro...". Eu fui embora pra São Paulo, *(com)* meus três filhos, pedi as contas do hospital onde eu trabalhava, botei uma licença na prefeitura, sem remuneração, que eu era funcionária da prefeitura na época...

Helena – Mas, dona Dina, por que São Paulo? Era o único jeito de sobreviver?

Dina – Era, porque *(pra)* São Paulo a minha filha tinha ido pra se tratar, já fazia uns seis meses que ela tinha ido. A minha irmã tinha escrito, nesse tempo *(a família)* não tinha telefone, meios de comunicação... Ela escreveu que eu mandasse a Ângela pra se tratar. Meu irmão foi deixar ela. Depois de seis meses, minha irmã foi e disse que sabia de tudo o que tava se passando e, se eu quisesse ir pra São Paulo, eu fosse passar uma temporada lá, e lá eu trabalhava. Eu fui, passei um ano em São Paulo.

Walber – O que a senhora fez por lá, dona Dina?

Dina – Em São Paulo, eu cheguei no domingo. Na terça-feira, nós fomos procurar trabalho. Eu fiquei na casa de apoio, em *Taboão da Serra (município do Estado de São Paulo, localizado a 16 km da capital)*, trabalhando num hospital com freiras, freiras que estavam acamadas. Ali eu passei um ano e elas gostavam muito de mim, nossa! Eu também gostava delas. Mas a saudade era muito grande. Não tinha um dia de tarde que eu não chorasse pra *vim* embora.

Walber – O que mais fazia falta?

Dina – A vida do campo, de gado, e os meus amigos vaqueiros. Eles escreviam pra mim e diziam: "Dina, sem você as vaquejadas por aqui não têm graça". Aquilo me doía tanto, sabe? *(Carta dos amigos)*: "Dina, venha pra missa do vaqueiro". Eu não cheguei a passar nem um ano *(em São Paulo)*, por-



A amiga de dona Dina, Nilda, foi chamada constantemente durante a entrevista para trazer o ventilador, água e até a carteirinha de dona Dina do Conselho da Comunidade.

que eu saí em novembro *(conta os meses)*... Quando foi em setembro *(do ano seguinte)* eu pedi minhas contas à irmã e vim embora.

Mayara – Quando a senhora veio embora, por que é que só o filho da senhora voltou e as meninas *(Ângela e Íris)* ficaram?

Dina – Porque assim, a irmã gostava muito das minhas filhas e elas arrumaram uma pessoa pra Ângela ficar morando com ela, uma parente das irmãs, e a Irizinha também. O Júlio sofreu um acidente numa *gurita (guarita, cabina em que, na entrada dos prédios, ficam os vigias ou porteiros)*, ele foi lá fazer um serviço e cortou os dedos dos pés. O Júlio também pegou um trauma de *tá* em São Paulo. Ele viu matar uma pessoa no prédio que ele trabalhava, ele ficou *(traumatizado)* também porque um bandido matou um policial, e foi nos pés dele! A polícia queria que ele dissesse tudo o que tinha acontecido, ele disse que não viu. *(Eu aconselhei)*: "Meu filho, diga que não viu!". Então o Júlio já não gostava mesmo de lá, e eu também já *tava* fazendo tudo pra vir embora.

Mayara – E as meninas gostavam de lá?

Dina – As meninas é porque já estavam trabalhando, a Íris já trabalhava numa loja, *(que era de uma)* parenta das irmãs, a Ângela trabalhando no hospital que também foi através das irmãs. Ficou a Ângela e a Íris, e a gente veio embora. Quando chegamos, comecei de novo na vida, convidei todos os companheiros, eles fizeram uma festa pra minha chegada, fizeram uma festa lá na fazenda Salgado. Um almoço, assim, com muita cachaça, muita bebida! Meus colegas me deram muita força quando o Fernando morreu, todos eles tinham um respeito muito grande por mim como se... Eles me achavam, que eu era uma mãe e irmã, todo momento eu tava na vida deles.

Gabriela – E o que a senhora ficou fazendo aqui, depois que voltou?

Dina – Daí eu voltei a trabalhar na biblioteca de novo, porque eu tinha pedido licença sem remuneração. Em qualquer tempo que eu voltasse, meu emprego tava ali. Comecei a criar um grupo de vaqueiros. *(Dina disse aos companheiros)*: "Vamo formar uma associação".

Perigo, o cão de dona Dina, estava preso no quintal, mas em alguns momentos da entrevista ele participou com vários latidos.

Dona Dina se emociona ao cantar os aboios, principalmente o que faz homenagem ao querido esposo Fernando, falecido em 25 de maio de 1988.

Mayara – A Associação é de vaqueiros e aboiadores, não é? Como é que a senhora começou com essa questão do aboio (*um tipo de toada prolongada feita pelo sertanejo pra tocar o gado, às vezes, como os de dona Dina, são seguidos de versos rimados, como repentistas de cordel*), os seus amigos faziam também, eles também aboiavam?

Dina – Bom, o aboio é porque, eu ouvindo o programa do Aurélio Brasil, um dos radialistas da rádio Assunção: era o melhor programa que tinha, e o Luiz Gonzaga (*Cantor pernambucano conhecido como rei do Baião, um ritmo derivado do forró*) eu gostava... Toda vida eu fui muito fã do Luiz Gonzaga e, nossa Senhora, um dos momentos mais felizes da minha vida foi meu encontro com Luiz Gonzaga, foi muito mais feliz de que o casamento! (*Todos riem*) O Luiz Gonzaga tinha aquela música que dizia “*Vai, boiadeiro...*” (*música Boiadeiro, composta por Armando Cavalcanti e Klecius Caldas, gravada por Luiz Gonzaga*) e eu comecei a me apaixonar por essa música e, um dia, eu tangendo o gado do papai, o gado ia mansinho... E eu inventava assim, fazendo aquelas coisa tipo de repentista e eu dizia: “Um dia, *inda* vou aboiar, vô aprender aboiar”. Comecei aboiar, o primeiro... Me lembro de hoje, a primeira vez que eu aboiei, eu: “É assim? Será que isso assim dá certo? Será que isso assim dá certo?”

Pâmela – Foi naquela primeira missa do vaqueiro que a senhora aboiou?

Dina – Não, na missa eu já tava um pouquinho treinada. Lá na fazenda, eu aboiava, e o gado (*ia*) bem manso na frente, que o gado se acostuma muito com a gente, era tangendo o gado, e eu (*cantando*): “*Nome do pai, espirito santo/ na hora de Deus, amém/ para o começo do aboio/ são palavras que convém/ na situação do tempo, não se agrava ninguém ô, ô!*” (*Dina pensava em voz alta*) “Não, é assim? Não, é assim.” Aí eu começava, sabe? Ô, ô, ô, ô... (*lamento prolongado de aboio*) (*Eu dizia*): “*Vai dar certo pra missa!*” Quando foi na primeira missa do vaqueiro,

“Eles escreviam pra mim e diziam: ‘Dina, sem você, Dina, as vaquejadas por aqui não têm graça’. Aquilo me doía tanto, sabe?”

O professor Ronaldo Salgado se emocionou com os aboios entoados por Dina que fez também emocionar alguns alunos.

o Frei Lucas disse: “Tu se *astreve* a aboiar, Dina”? (Eu respondi): “Me *astrevo*, claro!” Pois dê um aboio. Aí eu: “Ô, ô, ô, ô... *A festa de São Francisco, que nos traz muita alegria/ 24 de setembro a grande festa anuncia/ termina 4 de outubro, mas não finda a romaria, ô!*” Pronto, todo mundo aprovou, né? A Dina sabe mesmo aboiar! Eu fiz outro assim, foi a primeira vez que eu aboiei pra todo mundo ouvir: “*Dentro da santa matriz/ no altar sacramentado / tem a imagem milagrosa do santo mais visitado / milagroso e conhecido por nosso Brasil amado, ô!*” Nossa, todo mundo... (*Dina imita os gestos das pessoas, satisfeitas, batendo palmas*) Aí a Dina: “Você não tinha pedido pra eu fazer um aboio de São Francisco, tinha de falar da matriz também, né”? Os vaqueiros foram vendo aquilo e iam criando (aboios) também.

Gabriela – Dona Dina, a senhora falando de aboio, de vaquejada, e eu queria que a senhora contasse pra gente um episódio que aconteceu, que foi a cantada do Luiz Gonzaga.

Dina – Conto! Em 1976, Luiz Gonzaga recebeu o convite pra vir participar da missa do vaqueiro de Canindé, fazer um show. E todo mundo ficou naquela ansiedade, pelo menos eu, de conhecer o Luiz Gonzaga de perto, porque a gente só fazia ouvir. Nesse tempo não tinha DVD, não tinha CD, era só através de rádio, e Luiz Gonzaga foi um admirador da cultura, da música popular, da música sertaneja, do homem do sertão. E aí, nossa, como eu pedi a Deus pra chegar aquele dia, aquela ansiedade pra conhecer Luiz Gonzaga. (*Pensei*) “Aí que se eu tivesse o prazer de, pelo menos, ficar perto do Luiz Gonzaga! Mas vamos ver, né, o que pode acontecer.”

Sempre a gente fazia a passeata três horas (*da tarde*) e, quatro horas, a missa. Todo mundo se reunia duas, duas e meia, na praça da gruta, por trás da igreja de São Francisco. A gente amarrava os cavalos até chegar a hora da passeata. E eu peguei o painel de São Francisco nesse dia, como eu sempre pegava, e ia o estandarte na frente, a banda de música, eu no meu cavalo e a vaqueirama atrás. Quando chegamos no altar de São Francisco, onde estava celebrando a Santa Missa do vaqueiro, Luiz Gonzaga já estava cantando. *Vixe* (*expressão nordestina de admiração, surpresa*) que o meu coração bateu forte, de ver aquele artista de perto!

Quando eu cheguei bem na frente, encostei meu cavalo e subi, botei o estandarte de São Francisco... Luiz Gonzaga estava cantando aquela linda música que diz assim (*canta*): “*Vai boiadeiro que a noite já vem, pega o teu gado e vai pensando no teu bem...*” (*música Boiadeiro, dos compositores Armando Ca-*

valcanti e Klecius Caldas, gravada por Luiz Gonzaga.). Luiz Gonzaga parou a música, olhou pra mim e disse assim (em forma de aboio): “Morena tão bonita / me diga onde você mora”. Pronto, eu só podia pensar que era comigo, só tinha eu de mulher ali. Eu olhei assim e disse: “Eu moro bem distante, meu marido está ali fora”. Luis Gonzaga disse: “Pois dê lembrança a ele / se arretire e vá embora”. Aí dentro de mim eu digo: “Ele não vai me vencer” (risos) Eu olhei pra ele, peguei o microfone e disse assim: “Eu vô me arretirando / mas não é com medo, não / é amostrando para o povo, Gonzaga / a minha boa intenção ô, ô”. Luiz Gonzaga sorriu, me abraçou e disse: “Essa nega é das nossa!” (Todos riem) Muita gente bateu palma e eu fiquei ali do lado dele, acompanhando a missa. Depois da missa, Luiz Gonzaga fez um show, despediu-se, e eu senti que o momento mais feliz da minha vida foi ter cantado com Luiz Gonzaga, o rei do Baião, e também dele dizer uma poesia e eu também responder.

Helena – E o Fernando, ficou enciumado?

Dina – Não, o Fernando não ficava, não. Ele era uma pessoa muito legal, a gente convivia muito bem... Uma pessoa como o Fernando não era pra viver no mundo mesmo não, que ele era tão bom, de tão bom pros outros que era ruim para ele. Ele não ficou enciumado, não, ele sorriu também, sabe? Naquele momento que eu disse: “*Meu esposo está ali fora*”, ele sentiu-se feliz, né?

Todos – (risos) É!

Walber – Dona Dina, a senhora tem um aboio que os seus amigos sempre pedem pra senhora fazer?

Dina – Tenho. Tem um.

Walber – Qual é?

Dina – É o da morte do Fernando.

Walber – A senhora podia fazer?

Dina – Faça! (silêncio) Nilda (vizinha de Dina)! Nilda, sai uma aguinha pra nós aqui, por favor? (risos)

Helena – Falando tanto, né!

Dina – (referindo-se a Nilda) Por favor, coação? A Nilda é minha amiga, ela cuida aqui de casa. Quando eu saio (de casa), quem toma conta disso aqui tudo é ela! No primeiro ano que o Fernando morreu, faleceu em maio, dia 24 de maio, passou (conta os meses)... Outubro foi a missa dos vaqueiros e o Fernando foi homenageado, juntamente com meu pai (José Martins da Silva, morreu em 1996, de uma parada cardíaca) e meu irmão (Mário Jorge Martins da Silva, morreu em 1979, de depressão) que faleceram. Os vaqueiros fizeram uma linda homenagem. E na hora que eu cantei esse verso, eu senti que muita gente chorou e os vaqueiros também choraram. “Ô, ô, ô... Fernando você partiu /

deixando muita saudade/ deixou Julio, Ângela, Íris / todos de menor idade/ a fazenda sem vaqueiro / e eu, esposa, com saudade, ô.” Todo mundo chorou, mas eu fiquei muito forte, sabe? Não chorei, não! Pense como eu fiquei forte! “Fernando você no céu / ao lado de Nosso Senhor/ peça a Deus por nós vaqueiros / somos simples trabalhador/ não ganhamos nem um salário / e nem o patrão não dá valor, ô, ô. Na fazenda onde eu morava / lá era grande a surreição/ era a pior amargura / composta pelo patrão/ ou a gente trabalhava / ou não morava lá não ô, ô. Se a gente faltava um dia / o danado do feitor/ ia correndo na frente / ‘eu vim dizer ao senhor/ que, durante essa semana / a Dina não trabalhou ô, ô.” (segundo Dona Dina, a surreição acontecia quando o feitor, gerente da fazenda, tratava mal os vaqueiros). Era assim que a gente fazia, a gente lembrava do que passava através de aboio... Nilda, tem água de coco! (risos) Serve uma aguinha de coco pra eles, viu?

Gabriela – Dona Dina, no aboio pro Fernando, a senhora falou de algumas dificuldades que vocês passavam na fazenda. E que dificuldades eram essas que tanto a senhora enfrentou lá como os vaqueiros enfrentam até hoje?

Dina – É porque o fazendeiro não dá valor ao vaqueiro como era antigamente. Antigamente, na fazenda, o vaqueiro tinha a sorte, por exemplo, nascer seis bezerros, a metade dos bezerros era para o patrão, metade para o vaqueiro; se nascessem cinco, aí era a completa, um pro vaqueiro e quatro pro patrão.

Mayara – Não tem mais isso hoje, não?

Dina – Isso hoje não tem mais. Hoje não existe mais vaqueiro pra trabalhar em fazenda, por quê? Todas as fazendas foram vendidas para o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) hoje é assentamento, não existem mais aquelas fazendas que tinham aquele gado... Hoje (a vida de) nós vaqueiros é uma vida muito sofrida. Nós não temos o apoio que nós deveríamos ter,

“Um dos momentos mais felizes da minha vida foi meu encontro com Luis Gonzaga, foi muito mais feliz de que o casamento!”

Após duas horas e meia de entrevista, Dina celebrou a visita com mais um banquete: bolo, salgados, refrigerante, água de coco, sucos e chocolates.

A aluna Gabriela, integrante da equipe de produção, não se envergonhou de servir-se do banquete da entrevistada e foi alvo de gozações do resto da turma.

Mayara presenteou nossa entrevistada com um pote de manteiga Maranguape. A promessa havia sido feita, durante a pré-entrevista, quando dona Dina confessou o quanto apreciava a manteiga.

o respeito, sabe? Nós trabalharmos tantos anos numa fazenda e o patrão não respeitar.

Mirelle – Dona Dina, a senhora disse que já quebrou braço, quebrou perna, isso tudo que aconteceu com a senhora foi por causa da lida com o gado?

Dina – Olhe, eu peguei uma vez um cavalo preto por nome Ventania. Ele era um *poldo de cavalo*, ele tinha sido manso. E a gente foi a uma vaquejada na Fazenda Papel. Quando a gente chegou lá, eu montei nesse cavalo... Só que eu gostei do cavalo, aí o Fernando comprou e me deu de presente. E nós saímos um dia para pegar novilho de vaca na mata. Eu fui nesse cavalo, e o Fernando disse: "Não vá nesse cavalo, porque esse cavalo é perigoso." Eu digo: "Eu vou é nele." (*Fernando*) "Dina, não vá nesse cavalo, porque esse cavalo é muito perigoso, ele é muito perigoso." Eu digo: "Eu vou é nele." *Selamos* o cavalo e saímos. E, quando nós chegamos, os vaqueiros começaram a correr atrás do touro. Eu também não fiquei para trás, não: dei um pulo, né? E, passando numa *grota* (*um buraco, uma fenda*), o cavalo pula. E quando o cavalo pulou, eu caí do cavalo e o cavalo caiu comigo. O cavalo ficou por cima de mim assim (*indica com o corpo*). O cavalo esperneando, dentro da grota, e eu quebrei esse braço aqui, bem aqui (*indica o braço direito*). Uma dor muito forte. Só que, naquele momento eu estava com o corpo tão quente – sabe quando a gente nem sente? Quebrei isso aqui (*indica novamente o braço*) e também a perna (*direita*). E eu não consegui me montar de jeito nenhum.

Foi quando os meninos sentiram a minha falta. O Fernando e o Almir (*vaqueiro, amigo da família*), que iam correndo na frente, voltaram. Quando eles voltaram eu tava pelejando para me levantar. Eles me pegaram, botaram em cima do cavalo. Fernando disse: "Eu não disse para que você não viesse nesse cavalo?" (*Eu disse*) "Não, mas não fui eu quem caiu não, foi ele que caiu comigo na grota." O bichinho foi pulando na grota, mas não conhecia, né? (*risos*) Foi passando na grota, a grota muito funda e ele *pow* (*reproduz o barulho do cavalo caindo*). Não sei como ainda escapei. Eu bati a minha cabeça,



Ao final da entrevista, Mayara pede a dona Dina para fazer um aboio especial, relacionado à entrevista.

o joelho saiu do lugar. O joelho ficou uma dor muito forte. Eu sei que ainda me montaram em cima desse cavalo, ajudaram, e eu cheguei em casa.

Quando eu cheguei em casa, eles botaram meu joelho numa compressa, amarraram sal, botaram cinto, fizeram jenipapo (*os vaqueiros faziam um caldo do tronco da árvore de jenipapo para colocar em cima do ferimento, com uma atadura*) e botaram o joelho no lugar.

Mirelle – É pelo fato do vaqueiro ser tão predisposto a levar quedas, que o vaqueiro tem aquela devoção de andar sempre se benzendo, apelar sempre para os santos?

Dina – Ah, isso, quando nós saímos de casa. Todo dia, eu rezo muito, eu peço muito ao Menino Vaqueiro, à Santa Joana D'Arc e à Virgem Maria de Nazaré a minha proteção. Santa Joana D'arc, São Jorge e meu Menino Vaqueiro. Em todos os momentos que nós vamos sair, seja para qualquer outro lugar: cavalgar, ou reunião, ou aniversário, ou missa e novenários, nós fazemos um momento de oração antes de sair, todos nós, vaqueiros. Nós damos as mãos um ao outro e rezamos muito para São Francisco, Menino Vaqueiro, para que nos proteja muito do perigo.

Mayara – Dona Dina, quem é o Menino Vaqueiro?

Dina – É um santo. Meu pai já falava de Menino Vaqueiro. Diz que era um menino que apareceu numa fazenda. Ninguém sabia de quem essa criança era filha, e o fazendeiro judiava muito dessa criança. Quando foi um dia, o fazendeiro amarrou essa criança. (*pausa*) Quando foi no outro dia a criança desapareceu e tinha só o jardim de flores. Deixou só o jardim de flores onde essa criança desapareceu. Todo mundo *se pega*, muito com o Menino Vaqueiro. Essa história era meu avô que contava. E eu me *peguei*, comecei a me pegar muito com o Menino Vaqueiro. Hoje eu tenho um *budinha* (*uma imagem pequena. No interior, algumas pessoas tem o costume de chamá-las assim*) do Menino Vaqueiro, eu não amanheço o dia sem dás um beijo nele.

Gabriela – E a senhora já escapou de algum acidente por causa dessa sua fé?

Dina – Já. Já. Uma vez eu vinha correndo num cavalo muito bravo. Era a primeira vez que eu tinha montado nele. Ele era um *poldo de cavalo* muito bravo. Eu tinha ido buscar outros animais que estavam do outro lado da cerca. O cavalo disparou comigo. Quando ele disparou, eu sabia que ia acontecer uma coisa naquele arame, naquela cerca de arame ali (*onde Dina avistava, na lembrança, a cerca*). Quando eu me vali assim: "Valha meu Menino Vaqueiro!". Eu tinha certeza

que ia ser o final. Eu senti que aquela pessoa, aquele homem, pegou na rédea do cavalo. O cavalo parou e ficou todo se tremendo, não bateu no arame, não passava debaixo do arame. Aí o cavalo ficou todo se tremendo (*ela salienta bastante o estado do cavalo, repetindo*). Nervoso mesmo. Mais nervosa fiquei eu. Desci do cavalo, agradei muito a Deus, porque naquele momento ia ter um acidente comigo ali.

Isabelle – Dona Dina, como é a sua relação de fé com São Francisco?

Dina – Ah, é muito forte! Eu tenho muita fé nele, mas Menino Vaqueiro não fica atrás (*risos*). Eu tenho muita fé em São Francisco. Na época da festa, eu presto serviço aos romeiros. Ajudo os romeiros, oriento, e as novenas de São Francisco eu não perco nenhuma. Eu acompanho todas as bandeiras, eu me responsabilizo pelo estandarte, (*cuido para*) que ninguém possa estragar o estandarte. Os romeiros beijam de muita fé, mas que não estrague o estandarte. E eu passo dez dias vestida toda de marrom. Sandália marrom, tudo, até o sutiã é marrom. (*risos gerais*)

Mayara – Dona Dina, essa relação que você tem com os animais, acho que foi até a senhora que comentou isso (*em outras vezes que estiveram juntas*). É verdade que o animal retribui o carinho que você tem por ele? Ele agradece?

Dina – Com certeza, com certeza. O animal, seja o boi, seja a vaca, seja o cachorro, seja o gato, o cavalo, quando sente que a gente tem amor por ele, ele faz o que a gente quer. Eu tinha um cavalo, o cavalo Estrelinha, que, quando eu assobiava, ele *rinchava* (*relinchava*). De onde ele estivesse, ele *rinchava*. Eu chamava: “Estrelinha, Estrelinha, Estrelinha,”... Ele descia o alto, ia comer a ração; eu banhava ele, dava uma volta com ele, e as vacas do mesmo jeito. Quando eu entrava dentro do curral para ajudar minha mãe, tirar o leite com o meu pai, os bezerras tudo ficavam mansos comigo. Os outros entravam, os meus irmãos entravam, e parecia que entrava era assim um... !!! (*risos*) Meus irmãos não tinham jeito, eles pegavam os animais e judiavam, e o animal não gosta de ser judiado, o animal gosta de ser bem tratado. Até a gente gosta de ser bem tratado, né? O animal do mesmo jeito.

Arthur – A senhora fala que animal não gosta de ser judiado, mas a senhora acha que, em vaquejada, aquele ato de puxar o rabo do boi (*na vaquejada, o vaqueiro puxa o rabo do boi e derruba-o para ganhar pontos*)... Aquilo não é uma judiação, não?

Dina – Ai meu Deus! É uma judiação sim, é sim! É uma judiação, mas é um esporte.

Quando a gente está ali a gente quer vencer. Mas nunca judiei assim com animal para pegar no rabo e arrancar não, sabe? Eu tinha um jeito, uma maneira de pegar no rabo do boi, mas derrubava ele de uma maneira que ele se levantava e corria. Não é como muitas pessoas que pegam no bichinho para judiar. Eu não gosto de judiar. Muitas vezes eu montava no boi e ele saía *saltando, saltando, saltando,...* Mas eu sentia que não judiava com ele, e pegava aqui, sabe? (*Dina mostra o jeito com que pega o rabo do boi*) Se tivesse chifre, eu pegava no chifre dele, se não, os meninos amarravam uma corda e eu pegava na corda.

Aurimar – Dona Dina, a senhora disse, agora há pouco, que a figura do vaqueiro não tem o tratamento que merece, que hoje o vaqueiro está desamparado. A senhora foi eleita Mestre da Cultura, representando os vaqueiros. Acha que isso de alguma forma ajuda a valorizar o vaqueiro, trouxe algum benefício para os vaqueiros aqui em Canindé?

Dina – Aqui em Canindé não, porque os poderes públicos não ajudam a gente. A gente se sente discriminado porque aqui deveria ter uma Secretaria de Cultura. Nós temos vaqueiro que abóia, temos (*vaqueiro*) que (*toca*) sanfona, temos vaqueiro que bate pandeiro, temos vaqueiro que faz o repente... Nós não somos valorizados. Muitas vezes, até na hora da missa, muitas vezes o padre não deixa nem a gente rezar uma prece! Eu achava que devia ser mais forte a cultura do vaqueiro porque nós deixamos a cultura cair. No ano que foi 1970, foi a missa do vaqueiro. No dia primeiro (*de outubro*) era a missa do vaqueiro e no dia dois a do violeiro, o violeiro *não se prontificou* (*os violeiros não se mobilizaram para continuar fazendo*). Até três anos, atrás houve uma missa do violeiro, mas ninguém se prontificou mais e nós fomos em frente, eu fiquei em frente, não vamos deixar a tradição cair.

Nós temos uma sede, porque um dos

“Todo dia, eu rezo muito, eu peço muito ao Menino Vaqueiro, à Santa Joana D’Arc e à Virgem Maria de Nazaré a minha proteção”.

Após a entrevista, dona Dina vestiu a roupa de vaqueira para bater fotos com os alunos e o professor.

Durante a viagem de volta, a distância entre Canindé e Fortaleza passou despercebida. No ônibus, os alunos tentaram aboiar, entoando versos para os colegas e até para o professor Ronaldo Salgado.

27. Além dos aboios cantados pelos estudantes, outro passatempo para a turma foi ouvir as piadas de Chico Célio e os CD de música sertaneja.

vaqueiros fez uma doação. Doou o terreno, construímos de mutirão. Até eu trabalhava de pedreiro. Hoje nós entramos com um pedido na Câmara para *(pedir)* um terreno para construir uma sede, faz quatro anos, e o terreno está lá, beleza o terreno, mas os poderes públicos não ajudam. Entramos com um pedido na Câmara para que fosse comemorado o Dia do Vaqueiro. Eu entrei com esse pedido e graças a Deus todos aprovaram, mas não há aquela manifestação, aquela coisa bonita na cidade para comemorar o Dia do Vaqueiro (*22 de agosto*). A Paróquia São Francisco (*atual basílica de Canindé*) ainda, às vezes, dá um apoio por causa da Missa do Vaqueiro (*dia 01 de outubro*), porque eles apóiam muito, mas da Prefeitura não temos apoio.

Helena – E ser escolhida como mestre trouxe alguma diferença em relação a esse descaso do Poder Público, ou não?

Dina – Trouxe, para muitos mestres trouxe, mas em Canindé nós estamos nos sentindo muito discriminados, porque nós não temos a Cultura (*refere-se à Secretaria*), nós não temos o apoio que merecemos.

Walber – Dona Dina, como a senhora se sentiu quando foi escolhida, eleita, Mestre da Cultura, como vaqueira?

Dina – Eu me senti muito feliz e reconhecida porque eu trabalho muito por Canindé, mas não tinha esse reconhecimento daqui. E, graças a Deus, e ao professor Gilmar de Carvalho (*doutor em Comunicação Social pela UFC, pesquisador da tradição popular e autor de vários livros sobre o tema*), o Francisco (*refere-se ao fotógrafo Francisco Sousa, que trabalha em parceria com o professor Gilmar de Carvalho nas viagens, para a feitura dos livros*), não é? E alguns professores que viram meu trabalho na época das festas. O professor Gilmar de Carvalho sofreu para chegar até aqui, para me encontrar. Eu acho que ele veio umas duas, três vezes. Meio-dia em ponto. Foi através do professor Gilmar de Carvalho, e outras pessoas da TV Diário, a Diana (*Diana Célia Gomes, articuladora da Secult no Sertão Central*) e a Fernanda (*irmã de Diana Gomes*) lá de Fortaleza, da Secretaria de Cultura, que pediu essa documentação para me inscrever como Mestre da Cultura. Graças a Deus eu me senti feliz porque tive sucesso. É a única mulher do Nordeste... Rio de Janeiro, Minas Gerais, Belo Horizonte, já me vieram entrevistar, porque me viram através da televisão, do jornal... Pode dizer que é a única mulher no Nordeste que corre vaquejada, que tem força, que criou uma associação, um grupo de vaqueiro. Nós somos mais de 200 pessoas quando se reúne o grupo, embora no dia de reunião vá pouca

gente. Vocês sabem como é... .

Helena – A senhora achava que realmente seria escolhida? Ou a senhora ficou naquela ansiedade, como é que foi?

Dina – Olhe, quando a Diana pediu e o professor Gilmar de Carvalho disse que ia me inscrever... Eu devo muito ao professor Gilmar de Carvalho, nossa Senhora, eu devo muito favor a ele. Quando ele disse que ia fazer minha inscrição e eu procurasse para me ajudar a professora Fernanda e a Diana da Secretaria de Cultura de Fortaleza, nesse tempo trabalhava na Secult... E elas vieram pegar toda documentação. E eu disse: eu vou passar, eu tenho certeza que não tem outra mulher no Ceará que faça o que eu faço, eu tenho é certeza!

Isabelle – A senhora foi uma figura bastante repercutida nas propagandas do Governo do Estado do Ceará. Qual era a sua relação com o governo do Lúcio Alcântara (*ex-governador do Estado, atualmente presidente do Partido Republicano*)?

Dina – É porque, foi o doutor Lúcio Alcântara que aprovou essa lei dos Mestres da Cultura. Eu fiz questão de pedir a parte da organização que, se precisar de mim para dar algum depoimento, para fazer alguma entrevista, algum programa sobre o doutor Lúcio Alcântara, eu faria, de coração. Porque foi através dele, do governo do Lúcio Alcântara, que nós Mestres da Cultura hoje somos mestres.

Helena – Mas vem cá, dona Dina, ter uma mulher como vaqueira é diferente, né? Mesmo que seja uma mulher respeitada, é diferente ser uma mulher que representa os vaqueiros. A senhora sofreu algum preconceito por não ter sido um homem o homenageado, ou todo mundo concordou que fosse a dona Dina?

Dina – Muita gente concordou, todo mundo concordou. No dia que meus amigos souberam que eu tinha sido homenageada como Mestre da Cultura, eu fui explicar para eles nas reuniões, o que era, como era que eu era Mestre da Cultura, porque eu tinha uma história para contar desde criança, certo? Todos eles me parabenizaram, compraram um bolo e fizeram uma velinha de palito. Botaram uma cruz! Um deles colocou e eu disse: "Por que essa cruz?" (*Ele respondeu*) "Essa foi a cruz que você carregou durante muito tempo". Achei aquilo tão engraçado, porque nas velinhas eles colocaram essa cruz. "Foi o que você carregou durante muito tempo nas suas costas". Para todo canto que vai, (*manda*) a Dina, a Dina, a Dina". Todos eles ficaram muito felizes de hoje eu ser Mestre da Cultura, que foi um trabalho. Foi uma luta porque tradição dos vaqueiros eu nunca dei-

Ainda na volta, chamava atenção dos alunos, a história de um Santo Antônio sem cabeça. E a expectativa era grande para conferir, de perto, tal cabeça que fica abandonada em uma rua do município de Caridade. Mas só frustração, já que poucos conseguiram enxergá-la.

xei cair.

Teve uma vez que entrou um padre que queria acabar com a missa (do vaqueiro). E eu fui para emissora de rádio, e chorei, e liguei para o programa do João Inácio Jr. (programa de auditório, apresentado pelo próprio João Inácio Júnior. Hoje, o apresentador tem um programa de auditório semanal, chamado João Inácio Show, veiculado pela TV Diário), na Verdes Mares, e fui para a rádio Uirapuru (famosa rádio de Fortaleza, fundada em 1956. Atualmente, a rádio pertence a Rede Aleluia, rede de comunicação evangélica). Fiz aquela dramatização toda. Até que o padre resolveu celebrar nossa missa na igreja de Nossa Senhora das Dores.

Eu reuni todos os vaqueiros e disse: "Gente nossa missa não é para ser ali, a nossa missa é para ser no local que é para ser. Olhe, pode colocar os animais em cima do patamar da Igreja, pode deixar os animais à vontade. Se o animal quiser acasalar, pode deixar, pode cagar, pode mijar,... Só para ele saber que a gente tem vez". E eu incentivava eles e eles faziam mesmo! No outro ano, o padre já abriu mão e mudou nossa missa para cá.

Isabelle - Dona Dina, como é sua relação com os políticos?

Dina - Eles me procuram, mas eu não sou muito política, não.

Mayara - Você nunca pensou em se candidatar?

Dina - Não, não.

Walber - Dona Dina, a senhora exerceu várias atividades: o trabalho no campo, na lida com animal, na biblioteca, a senhora tem alguma coisa que queira fazer?

Dina - Tem. Agora tem mais ainda. Eu trabalho no Conselho da Comunidade, eu fui convocada faz muito tempo. Eu fui convocada pelo juiz. O juiz me convocou para saber se eu não queria trabalhar no Conselho da Comunidade. (Responde:) "Quero". Eles me colocaram para trabalhar no conselho da Comunidade. Eu sei que tem um trabalho muito bonito com as famílias dos presos.

Se as crianças estão estudando a gente faz acompanhamento, se não estão... (perguntamos:) "Por que não está estudando?". Se a mãe está se prostituindo, (perguntamos:) "A mãe está botando os filhos para pedir esmola? A mãe está colocando as crianças para se prostituir?" Tudo isso a gente acompanha. O que é que está faltando? Escola, nós vamos lá na escola, arrumamos um lugar na escola, como aqui, tem um colégio particular, um dos melhores colégios que tem, a gente conseguiu colocar essas crianças nesse colégio, 80 crianças sem pagar nada.

Se o preso está perto de terminar a sentença, a gente faz aquele cadastramento, (perguntamos:) "O que a família do preso está precisando?" Se a mãe, se a mulher está doente, se a criança está muito doente e não tem condições, a gente já procura ajudar. O que é do hospital que pode ajudar? O que é que a Secretaria de Saúde pode ajudar? A ajuda a gente encontra. Aqui nós tivemos um problema com uma senhora que estava muito doente de AIDS. Nós procuramos o tratamento e graças a Deus ela está muito bem. Então é assim esse trabalho. Me convocaram também para ser conselheira da lei Maria da Penha (lei sancionada em 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher). Esse negócio é o mais pesado, porque ir para uma delegacia... A doutora Lúcia (Lúcia de Fátima de Araújo Magalhães, presidente do Conselho Maria da Penha em Canindé) me manda para delegacia. Quando a gente chega está a mulher agredida, o homem também, mas a gente acompanha ela próximo para ela sentir que tem uma companhia ao lado dela, para ela não se sentir sozinha. O delegado fica ouvindo o agressor e ouve também a vítima, se fizerem um acordo para um e o outro não se maltratar, tudo bem. Se a mulher quiser encaminhar para ir para o fórum, aí o negócio pega, já não é mais com a gente. O fórum se responsabiliza.

Walber - A senhora disse o que faz, mas



Leonardo, nascido e criado no Rio de Janeiro, era usado como "termômetro" para as expressões do interior cearense usadas por dona Dina. Quando ele não entendia uma palavra, o resto da produção logo introduzia no texto uma explicação para o "verbete".

Durante a edição do texto, era latente o prazer da equipe em trabalhar com a maneira gostosa de falar de dona Dina. Tanto que, no final, optou-se por interferir o mínimo possível no que diz respeito a correções na transcrição da fala oral para a fala escrita.

Na véspera da entrega do material de edição, Mayara, ficou muito gripada, quase afônica. Mesmo assim, Gabi não a deixava descansar, sempre ligava, pedindo arquivos e mais arquivos. E ela, disposta, sempre atendia aos pedidos.

eu queria saber o que a senhora ainda quer fazer?

Dina - Eu quero formar um grupo de vaqueiros, um grupo mesmo, para colocar as crianças para aprender. Esse a gente não tem apoio, eu queria que a gente tivesse apoio para botar as crianças para aboiar, para tocar sanfona, para bater pandeiro que a gente tem os vaqueiros que tão ficando cansados, porque não existe a velhice, não é? A velhice quem faz é a gente. Eu não me sinto velha porque tenho 56 anos, eu não! Eu faço coisas com 56 anos que no tempo que eu tinha 30 anos eu não fazia. Eu ainda tenho muito sonho para frente, de construir uma sede grande, para gente construir eventos grandes na sede, para fazer um convite que nem a secretaria (*referindo-se aos encontros da Secult*) para que, por exemplo, no dia que vocês viessem até aqui em Canindé, 12 pessoas fazer assim, aquela festa bonita, ter uma banda para receber com música, sabe? É um sonho. Nós temos nosso terreno, nós vamos construir, nós vamos o quê? Fazer um museu do vaqueiro.

Helena - Dona Dina, eu acho esse seu trabalho com os detentos muito interessante. Porque que a gente sabe que são pessoas que sofrem muito preconceito depois, que sofrem muito para voltar e ter onde trabalhar, fora o sofrimento que a família tem. Eu queria que você contasse um pouquinho para gente como foi que começou esse trabalho. Por que escolher trabalhar com famílias de detentos, e como é que foi isso aqui na cidade?

Dina - Em 1991, quando trabalhava uma senhora no presídio com o nome de Socorro. Devido ao meu trabalho, ela me fez o convite se eu não queria trabalhar com ela. Eu disse (*perguntei*) qual era o trabalho lá no presídio. Ela disse: "Dina, é dar injeção no preso...", porque eu trabalhava no hospital. Na época, o preso quando estava doente, a gente pedia uma viatura para levar até o médico, esse trabalho assim. Eu entrei nesse trabalho em 1991. Logo quando eu iniciei eu fui para São Paulo, quando voltei eu continuei no trabalho. Depois entrou o juiz aqui com nome de doutor Josimar e criou o Conselho da Comunidade. Aí foi eleita uma moça, doutora Dejana como a presidente do conselho, e foi a primeira coisa que ela exigiu: "Eu só fico, eu só aceito, se a Dina ficar". Aí eu disse: "Muito bem". E a gente se dá super bem, somos um grupo de dez pessoas. Devido ao meu trabalho, e a eu não ter criança, e ser uma pessoa mais liberta, eu fico mais nesse trabalho, eu fico nesse trabalho nos dias em que eu posso ir. A gente faz o cadastramento, leva o padre para celebrar a palavra de

Deus para eles. Nós fazemos festa, fazemos o Natal. E eles se sentem felizes. Porque eu acho, que o preso está lá, ele está pagando pelo que fez, mas ele pode se reconciliar. Ele ainda pode ser uma boa pessoa na vida dele. Ele pode sair dali e ser um cidadão, ele tem o preconceito de sair dali e ninguém dar emprego para ele, mas ele ainda pode viver, (*ter*) tudo na vida dele, ser um bom pai de família....Tudo isso a gente vê. Tem preso que ainda está terminando o segundo grau, lá tem escola para eles. A gente conseguiu escola para eles, para a família deles...

Armando - E o que é que faz com que a senhora faça tudo isso, se dedique a tantas coisas e ainda queira mais?

Dina - É, meu filho, é entregar a vida a Deus. (*ri alto*) É não encarar nada de sofrimento, não encarar nada de problema, eu não encaro. Às vezes, eu chego do trabalho, deixo passar, o outro dia é outro dia, tem uma noite no meio para respirar bem, para entregar a vida a Deus e no outro dia será um novo dia. Eu nunca pergunto o que será o dia de amanhã. Não, o dia de amanhã pertence a Deus. Ainda eu quero mais é isso, é querer fazer muito. Eu acho que não fiz nada. Olhe, no Natal (*voz embargada*), no Natal tem essas pessoas mais pobres. As crianças nunca souberam o que é um Natal. Quando é o final de semana eu faço um show e ganho R\$300, às vezes eu faço R\$400, e, quando chega ao final do ano, eu compro aquelas coisinhas, aquelas roupas, aqueles brinquedinhos. Eu vou à Fortaleza e aquelas coisas de um real a gente encontra demais. Daí eu passo e compro para as meninazinhas, para os meninozinhos. Olhe, as pessoas ficam tão felizes, e eu quero ainda fazer muito mais.

Mayara - Já que a gente está perto de encerrar, eu queria que a senhora pensasse num aboiar pra gente... Faz um aboiar aí, dona Dina!

Dina - Ô,ô,ô,ô,ô/ Sou vaqueira nordestina/ heroína do Sertão/ às senhoras e senhores/ e como muita satisfação/ trago o sorriso nos lábios/ e Deus no meu coração/ ô, ô / comecei lutar com o gado/ aos sete anos de idade/ convivendo com meus pais/ na maior felicidade/ um lar fraterno e fraterno/ sem haver dificuldade/ ô/ hoje eu conheço o segredo/ da luta que vivo nela/ meu transporte é meu cavalo/ de arrei, bridão e cela/ meu traje é roupa de couro/ que gado respeita ela/ ô/ eu nasci e me criei/ no Sertão alencarino/ abençoada por Deus/ tocada pelo destino/ para conservar com amor, meus amigos/ a cultura nordestina/ ô/ aqui eu mando meu abraço/ e dou meu aperto de mão/ a todos que estão presentes/ que tem boa intenção/ receba o abraço forte, professor/ vaqueira da região/

Durante a edição da entrevista, Gabi também ligou algumas vezes para dona Dina, a fim de identificar regionalismos, usados em abundância pela entrevistada, e personagens que aparecem na entrevista. Dina sempre atendia aos telefonemas com muita simpatia.

ô, ô. Ô,ô,ô,ô,ô / eu sou filha do nordeste/ do Sertão de Canindé/ vaqueira desde menina/ nessa profissão de fé/ minha arma é o aboio/ e a coragem de mulher/ ô, ô/ Ô,ô,ô,ô,ô.. / sinto cheiro do gado giz/ e o requiço do alandrez/ o ceuro da mata vilgi/ e o suor do camponês/ que a benção do São Francisco, meus aluno/ São Francisco dê a vocês/ Ô,ô,ô,ô,ô...

Helena – Está todo mundo abençoado mesmo!

Mayara – Vai todo mundo abençoado pra casa!

Leonardo – Dona Dina, obrigado por ter tido esse momento com a gente.

Dina – Obrigado digo eu poder estar com essa gente.



Foi bastante difícil a escolha do perfil de abertura da entrevista, já que todos os textos estavam muito bons. A equipe de produção decidiu, então, optar pelo da aluna Mayara, que se identificou com a entrevistada por, em outro momento, já ter tido a oportunidade de conhecê-la.

Por incrível que pareça, na véspera da entrada na gráfica, ainda faltavam seis janelas a serem concluídas nesta entrevista. Mas, felizmente, graças à ajuda do aluno Edgel, com sua criatividade inenarrável, o trabalho foi finalizado.